



Orleir Moreira da Cunha

Reserva Extrativista do Alto Juruá
ASAREAJ

Karla Sessin-Dilascio

Instituto Fronteiras



JUVENTUDE EXTRATIVISTA E DESAFIOS DE VIVER E PERMANECER NA RESEX ALTO JURUÁ

DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1646

Tendo como base o relato de experiência (Mussi, Flores e Almeida, 2021) de Orleir Moreira da Cunha, jovem liderança da Reserva Extrativista do Alto Juruá (Resex Alto Juruá) e presidente da Associação Concessionária da Resex do Alto Juruá (ASAREAJ). Sendo a primeira Reserva Extrativista do Brasil, criada em 23 de janeiro de 1990. Ao longo dos anos 90 e início dos anos 2000, a Resex Alto Juruá foi palco efervescente de pesquisas e financiamentos multilaterais responsáveis por criar a base da estrutura física, social e institucional da Resex para os anos a seguir (Almeida, 1992). A Resex foi palco de diversas pesquisas socioambientais conduzidas pelos pesquisadores Manuela Carneiro e Mauro Almeida, que resultou na importante publicação nomeada “Enciclopédia da Floresta”, assim como a formação de jovens pesquisadores que viriam a ocupar posição de professoras no curso de Licenciatura Indígena na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta; vale destacar Mariana Pantoja (autora de “Os Milton”) e Andrea Martini (autora de “Tecendo Limites no Alto Rio Juruá”) (Almeida, 1992; Carneiro da Cunha e Almeida, 2002; Martini, 2019; Pantoja, 2008).

Após grandes investimentos, a Resex hoje recebe apoios do Instituto de Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) que atua como órgão gestor da unidade em colaboração com a associação concessionária, a Associação da Resex do Alto Juruá (ASAREAJ),

na qual Orleir é presidente, e o Conselho Deliberativo da RESEX. Além dos recursos de manutenção das operações do ICMBio o órgão conta com o apoio financeiro do programa ARPA (Áreas Protegidas da Amazônia), coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), gerenciado financeiramente pelo Funbio (Fundo Brasileiro para a Biodiversidade) e financiado com recursos de doadores nacionais, internacionais e dos governos federal e estaduais (Filho, 2009).

Este relato de experiência expõe as reflexões sobre a realidade de quem ficou no território após anos de sua criação, com foco no olhar da juventude. A partir da vivência no território, são abordadas questões como acesso à educação, conectividade, mobilidade e governança, além das limitações econômicas e dos impactos ambientais que afetam o cotidiano das comunidades. Ao mesmo tempo, evidencia-se o forte sentimento de pertencimento da juventude, que busca permanecer no território, fortalecer suas formas de organização e garantir melhores condições de vida sem renunciar a sua identidade e cultura.

Desenvolvimento

Sou Orleir Moreira, sou uma jovem liderança aqui da Reserva Extrativista do Alto Juruá, hoje estou presidente da Associação da Resex do Alto Juruá (ASAREAJ), a associação con-

cessionária da primeira reserva do país, que é a Resex do Alto Juruá.

O que é ser um jovem hoje na Resex? O que é a juventude hoje na Resex? Quais são as expectativas de futuro? O que nós pensamos? São muitas coisas, são muitas situações que nós, enquanto extrativistas, juventude desse território tão peculiar, tão singular que é a Resex, poderíamos classificar, adjetivar. Mas, tentando resumir um pouco, nós hoje vivemos num momento em que a conectividade, o acesso à internet podemos dizer que é um pouco amplo para nós, mas quando se trata da questão do estudo, ainda precisamos melhorar em algumas coisas.

Temos aqui a nossa Resex, o acesso é 100% por via fluvial, de barco, que nos deslocamos. E, na questão do ensino, só temos o ensino público dentro da unidade e não temos pólos, universidades ou institutos que atuem além das escolas estaduais e municipais dentro da Resex. Quando vamos para a questão do ensino superior, a modalidade que temos é a EAD, que é o ensino à distância. Não temos outro polo presencial onde possamos realizar estudos, pesquisas relacionadas ao nosso território, à nossa grade curricular enquanto estudantes, enquanto universitários.

Pegando pelo lado do estudo, é isso: precisamos ter polos de ensino, pois não temos polos dentro da unidade onde possamos fazer pesquisas de campo, formar turmas para estudar dentro da unidade. A nossa juventude hoje se forma fora. Aqueles que têm a coragem de sair das suas comunidades se formam fora e saem. De 99% que saem, arrisco dizer que 95% não retornam para prestar serviço à comunidade, à Resex. As oportunidades são muito limitadas. Estamos em um município de difícil acesso, no Alto Juruá, no estado do Acre, e temos toda essa singularidade na questão do ensino no nosso território.

Sobre a conectividade, em algumas comunidades conseguimos, por meio de parceiros, instalar kits de internet. Algumas pessoas já relatam o quanto isso foi benéfico para estudar, fazer avaliações e melhorar o ensino.

Pegando a governança do nosso território, precisamos melhorar em muitas situações.

Temos diálogo com o ICMBio enquanto associação, mas ainda precisamos avançar muito, porque muitas decisões não são comunicadas previamente, não são consultadas com a gente.

A entrada na Resex hoje não tem controle efetivo por parte do órgão fiscalizador, que é o ICMBio. Não temos essas barreiras de controle, até porque o polo do NGI, Núcleo de Gestão Integrada, fica em outra cidade, Cruzeiro do Sul, que fica a mais de um dia de viagem, dependendo da embarcação. Isso dificulta o monitoramento. Precisamos melhorar nesse quesito de governança e controle de quem entra e sai da unidade.

Nossa relação com as comunidades é muito boa. As comunidades nos procuram, e nós nos colocamos à disposição para apoiar na organização e nas demandas. Aquilo que é de competência dos governos, municipais, estaduais e federais, repassamos por meio de documentos ou incidência direta em ministérios e secretarias.

Demandas como acesso a políticas públicas, cestas básicas, créditos do INCRA, fomentos e internet são encaminhadas às instâncias responsáveis.

Na questão econômica, a base da economia da Resex é a agricultura familiar: farinha, feijão, arroz e criação de pequenos animais. Isso sustenta cerca de 70% do município de Marechal Thaumaturgo. A Resex tem uma importância fundamental nesse processo econômico.

O extrativismo praticado é, em grande parte, de subsistência. Muito pouco gera renda, embora seja uma reserva extrativista. Precisamos fortalecer essa atividade com parcerias. A criação de animais, inclusive gado, também é voltada para subsistência, pois a caça está escassa e o peixe diminuiu nos rios.

Nos períodos de estiagem, enfrentamos grandes impactos. Os rios ficam intrafegáveis, dificultando o escoamento da produção e o deslocamento. Isso gera prejuízos econômicos, com produtos que chegam estragados, afetando comerciantes e extrativistas.

Quem revende produtos dentro do território

sofre diretamente esse impacto. No período de seca, o custo de transporte aumenta e há variação de preços, prejudicando o pequeno produtor, que muitas vezes não consegue vender pelo valor justo.

Falando da juventude, somos pertencentes, somos raízes, somos a história desse território. Nós, que nascemos nos anos 90, crescemos no período pós-criação da Resex, uma das maiores conquistas das últimas décadas, que garantiu terra, cultura e liberdade.

Carregamos esse pertencimento e queremos mais acesso à internet, fortalecimento da economia, do extrativismo e do turismo de base comunitária, para não precisarmos sair do território. Queremos ensino de qualidade, inclusive superior, sem precisar sair, não apenas EAD, mas presencial.

Queremos continuar vivendo na Resex com qualidade de vida, com oportunidades semelhantes às de outras regiões, sem perder nossa cultura e identidade. Queremos que o ensino seja adaptado à nossa realidade, valorizando nossa ancestralidade.

Em nome da juventude, deixo um sentimento de gratidão pela luta dos nossos antepassados. Somos uma juventude feliz dentro do nosso território, apesar das dificuldades. Conseguimos atuar na política, nos movimentos sociais e na gestão da Resex.

Vivemos um tempo de reeducar a juventude, levando o conhecimento da história da luta da Resex do Alto Juruá. Muitos desconhecem esse processo, e precisamos manter vivo esse pertencimento.

Nossa missão é dar continuidade à luta dos nossos antepassados. Somos uma juventude aguerrida, comprometida, mas precisamos de estrutura, apoio das universidades, institutos e do governo federal.

Queremos um futuro melhor, com mais oportunidades, mais engajamento da juventude e fortalecimento da governança e da incidência política.

Referências

ALMEIDA, M. W. B. Rubber tappers of the upper Juruá river, Brazil. The making of a forest peasant economy. PhD. Dissertation, Cambridge, University of Cambridge, 1992.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; ALMEIDA, M. B. DE. Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

FILHO, B. S. Redução das emissões de carbono do desmatamento no Brasil: O papel do Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA). 2009.

MARTINI, A. Tecendo limites no Alto Rio Juruá.

MUSSI, R.; FLORES, F.; ALMEIDA, C. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 1–18, 1 set. 2021.

PANTOJA, M. C. Os Milton: cem anos de história nos seringais. 2ª ed. Rio Branco: Edufac, 2008.